

## INTRODUÇÃO AO DOSSIÊ ENSINO DE FILOSOFIA

*Kelin Valeirão<sup>1</sup>*

No presente escrito trataremos acerca do ensino de filosofia e suas nuances. Mesmo sabendo que não existe a concepção metodológica do ensino de filosofia, apresentamos diferentes técnicas e métodos adotados pelos discentes, acadêmicos do Curso de Licenciatura em Filosofia durante a prática de estágio, regência de classe.

Iniciaremos com a problematização: como, do interior da filosofia, ensinar a filosofia? Talvez a resposta esteja na própria origem da filosofia. Afinal, o que tem sido a filosofia ensinada nas escolas e nas academias? Quiçá, o que ela mais tem sido é procurar quem ela é. Um saber especializado que quase ninguém entende? Um discurso técnico e sedentário que já não habita as ruas, os jardins, os banquetes, as praças públicas, mas que tem um lugar certo – uma disciplina – desde a Academia de Platão até os bancos das nossas escolas? Textos conservados nos arquivos, nas bibliotecas, nos museus... Que textos têm sido?

Os primeiros textos filosóficos aparecem nas formas textuais pré-existentes: Xenófanes, Pitágoras, Parmênides, Empédocles escreveram em verso, na linha da grande poesia grega de Homero e Hesíodo. Outros, como Heráclito, Demócrito ou Anaxágoras, escreveram sob a forma fragmentária de máxima ou sentença, herdeira da tradição oral e do provérbio popular. Depressa à arte e à poesia pré-socráticas vão se opor, com consistência crescente, Sócrates, Platão e Aristóteles.

O momento socrático é o do *silêncio ilustre* que todos conhecemos. A filosofia é uma atitude, não um saber instituído. Um modo de vida, não o resultado escrito do exercício de um pensamento. Uma procura, um não saber...

No momento platônico visualizamos a encruzilhada e ruptura. É certamente um lugar comum referir ao fato de que, ao fundar a Academia, Platão fez da filosofia uma instituição, um assunto escolar. Por outro lado, é possível ver nos *diálogos* de Platão, além de um ato de fidelidade ao silêncio

---

<sup>1</sup> Prof. Dra. do Departamento de Filosofia – Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: kpaliaosa@hotmail.com

literário de Sócrates, um compromisso entre a filosofia e a literatura. Compromisso no qual o ambiente da escola vai pesar cada vez mais.

Do diálogo efetivo com pessoas diferentes, caminha-se para o diálogo suposto entre participantes que depressa se transformam em discípulos. No entanto, não é sem mágoa que Platão expulsa os poetas da cidade e procura afastar-se da poesia. Na *República* (livro X, 607e), declara o seu amor impossível pela poesia nos seguintes termos: “faremos como aqueles que se amam, mas que, tendo reconhecido que o seu amor não é proveitoso, se separam, pela força, sem dúvida, mas apesar de tudo se separam”.

Outro momento, o aristotélico, irá ser definitivo no estabelecimento e defesa da *forma textual* da filosofia. O filósofo deve procurar o rigor, a univocidade do sentido, exigir da língua clareza e transparência e tudo isso é incompatível com a poesia. Nesse sentido, a metáfora será o grande recalcado da filosofia. Quando aflora o texto filosófico, é mais como sintoma de um deslocamento do que como processo de conhecimento ao serviço da verdade.

Na linha do diálogo maiêutico, veremos posteriormente aparecer o sermão filosófico e, em breve, a *quaestio scholastica*. A finalidade é um pouco a mesma por toda a parte: corrigir o auditor, converter à filosofia, confrontar o erro com a verdade ensinada e, em seguida, estabelecida. Podemos detectar, na história da filosofia, uma textualidade interrompida e abalada por outras formas textuais mais espontâneas onde, quase sempre, se enriqueceu e deu fôlego a própria filosofia.

O reconhecimento da pluralidade dos seus sentidos conduz-nos a um outro modo de encarar a leitura do texto filosófico. 1) ler não é descobrir o que está coberto, escondido; 2) ler não é entender o sentido único do texto porque o texto não tem um sentido último, mas infinitos sentidos consoantes aos seus leitores. 3) ler será produzir outro texto e outro leitor; 4) ler será recriar, reconstruir, interrogar o múltiplo do texto e interrogar-me no desfolhar dessa multiplicidade de caminhos...

Daqui ainda nos parece ser possível retirar outra consequência relativamente ao ensino de filosofia: é possível ministrar uma aula que nada tem de filosófica a partir de um texto filosófico – o trabalho consiste em reenviar o texto para o seu contexto, ou seja, ministrar a aula, não de filosofia, mas de abertura ao filosofar, a partir de outros textos como um poema, a letra de uma música. Temos o texto como pretexto para a aventura do filosofar.

Se o ensino filosófico quer despertar o filosofar dos alunos, o professor tem de acreditar no valor polissêmico do texto. Temos que aceitar o risco de que toda a reflexão envolve a aventura do pensamento do outro, neste caso o aluno, que vai pensar o texto em função de valores e perspectivas que são os deles e não necessariamente os nossos. O professor tem que sentir que o

melhor aproveitamento que se pode fazer de um texto filosófico é, como diria Nietzsche, ruminar – adotar a faculdade conservada pelas vacas. Michel Foucault defende, sob a influência de Nietzsche, que devemos apoderar-se do texto, tomando a sua interpretação canônica para a “trucidar, revolver e romper a golpes de martelo”.

Voltamos à pergunta que incita a publicação do Dossiê: como, do interior da filosofia, ensinar a filosofia? Da filosofia ou discurso que sempre ditou as regras da verdade? Porque foi ela, finalmente, quem estudou as condições de possibilidade da verdade. Como fazer para que nós, funcionários pagos para ensinar, possamos ainda reconhecer e interrogar o nosso não-saber, a nossa ignorância? Ensinar filosofia? Ensinar a filosofar? A olhar o texto como pretexto para a criação do meu próprio texto? Verdade totalmente subjetiva? Nos artigos que seguem, estas são interrogações que nos acompanham, e acabam por assombrar o cenário educacional.